

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Terra adentro A ESPANHA DE Joaquín Sorolla

EXPOSIÇÃO

7.12.2018 – 31.3.2019



PATRIMÓNIO
CULTURAL
 Direcção-Geral do Património Cultural

MNAA
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA



GOBIERNO
DE ESPAÑA

MINISTERIO
DE CULTURA
Y DEPORTE

FUNDACIÓN
MUSEO
SOROLLA

MUSEO SOROLLA



MECENAS DA EXPOSIÇÃO EXHIBITION SUPPORTED BY



MECENAS SPONSOR



APOIO SUPPORT



MEDIA PARTNERS



Terra adentro A ESPANHA DE Joaquín Sorolla

7.12.2018 – 31.3.2019

INAUGURAÇÃO 6 DEZ | 18h30

Museu Nacional de Arte Antiga

Galeria de Exposições Temporárias

Organizada em parceria com o Museo Sorolla, Madrid, a exposição reúne 118 pinturas de Joaquín Sorolla y Bastida (Valência, 1863 – Cercedilla, 1923) pertencentes à coleção daquele museu e provenientes de coleções particulares de Espanha. Predominam na mostra as paisagens que o mestre espanhol do «ar livre» e da «luz intensa» executou nas suas viagens pela Espanha da viragem do século XIX para o século XX, desde a sua Valência natal até ao País Basco e à Andaluzia, participando num movimento cultural que buscava uma outra imagem do país, alheada da representação historicista de glórias passadas e encontrando-a na pura paisagem, tanto das regiões da periferia peninsular quanto nos campos da Mancha ou de Castela e seus monumentos.

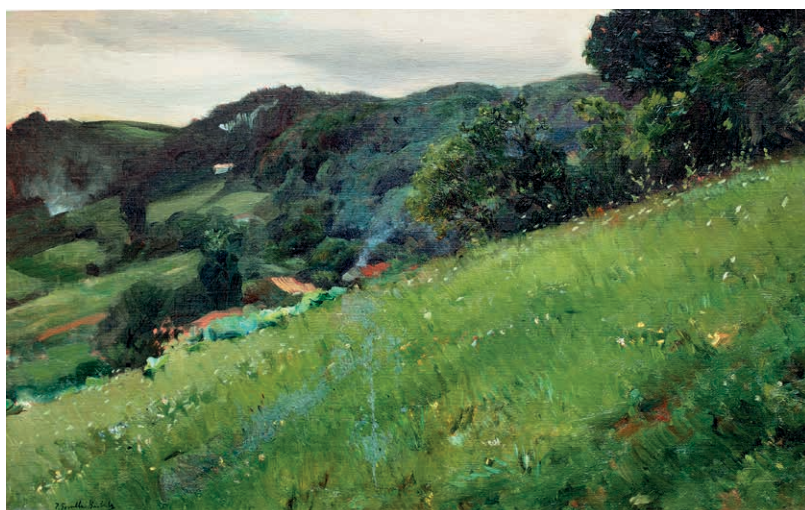
A seleção de peças contempla também algumas pinturas fundamentais da sua «imagem de marca»: as cenas de beira-mar em praias do Levante, com as brincadeiras estivais de crianças e jovens veraneantes e a faina dos pescadores da costa de Valência.

Sorolla é um dos grandes vultos da pintura moderna europeia e continua a ser muito mal conhecido em Portugal. Esta é uma oportunidade para se contactar com um núcleo fundamental da sua obra, antes mesmo da grande exposição antológica que a National Gallery de Londres prepara para a Primavera de 2019.

Com o título **Sorolla Tierra Adentro**, a exposição foi apresentada no Museo Sorolla, Madrid, em 2016. Para o MNAA, foi preparada uma versão mais alargada, com novos núcleos e peças, para dar ao público português uma imagem mais abrangente da obra de Joaquín Sorolla.

MITOLOGIA REGIONALISTA E NATUREZA. A VALÊNCIA DE SOROLLA

Joaquín Sorolla inicia os seus estudos de pintura na Real Academia de Belas-Artes de San Carlos, Valência, onde descobre a paisagem realista, feita ao ar livre, através dos seus professores Gonzalo Salvá e Ignacio Pinazo. Após os anos de aprendizagem em Itália, estabelece-se definitivamente em Madrid, em 1889, mas a sua relação com Valência perdura, visitando-a regularmente. As suas juvenis experiências em pintura focam-se na cidade onde nasceu, muitas vezes representada sob uma estética da ausência, os espaços urbanos surgindo vazios e repassados de nostalgia. São também cenários de Sorolla a Albufera, as hortas, as barracas, as aldeias das cercanias, com a sua peculiar arquitetura popular e as videiras nos alpendres, mostrando o interesse do jovem pintor por descrever os traços distintivos das paisagens rurais da região, tantas vezes romanceados pelo seu amigo Blasco Ibáñez (Valência, 1867-Menton, 1928), jornalista e escritor republicano.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)
Paisagem de Muros de Pravia, 1904, óleo sobre tela, 62 × 94 cm
Madrid, Fundación Museo Sorolla, inv. 647

NÚCLEOS DA EXPOSIÇÃO



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)
Laranjeiras, Alcira, 1904, óleo sobre tela, 65 × 97 cm
Madrid, Museo Sorolla, inv. 684

SOROLLA EM VERDE E CINZA

Após instalar-se em Madrid, Sorolla adquire maior consciência da importância do género da paisagem na pintura moderna e das novidades da corrente realista.

Passa várias temporadas em Muros de Nalón, Astúrias, onde o pintor Tomás García Sampedro havia fundado uma colónia de pintores paisagistas, seguindo o modelo da escola francesa de Barbizon. Ali pintou os prados asturianos, onde resplandece um verde fresco. Do País Basco, conheceu sobretudo San Sebastián e Zarauz, onde passou alguns verões com a família, recolhendo o cinzento das grandes ondas do Cantábrico e os húmidos verdes do seu interior.

A INVENÇÃO DE CASTELA COMO EMBLEMA NACIONAL: A PAISAGEM NATURAL

Sorolla percorre Castela em 1906 e 1907, acompanhado pelo seu amigo Aureliano de Beruete, pintor, académico e escritor. É através de Beruete que entra em contacto com o círculo intelectual da *Institución Libre de Enseñanza* (instituição educativa, privada e laica, defensora da liberdade no ensino), círculo gerador de um novo ideário estético segundo o qual a paisagem devia ser uma via de modernidade para se expressarem os valores nacionais. Apesar de ser, antes de mais, um pintor do Mediterrâneo, Sorolla partilha com estes intelectuais o fascínio pela paisagem castelhana, um tema até então inédito na pintura mas que iria emocionar toda uma geração de escritores e de artistas, que viam no carácter sublime e austero dessa paisagem um emblema do ser espanhol. A encomenda, em 1912, das grandes telas para a Biblioteca da Hispanic Society, de Nova Iorque, obriga Sorolla a viajar de novo pelos campos e cidades de Castela a fim de realizar a primeira das 14 pinturas murais do programa, *A Festa do Pão*.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)

O Arco-íris, El Pardo, 1907, óleo sobre tela, 62,5 x 91 cm

Madrid, Museo Sorolla, inv. 789

CIDADES MONUMENTAIS

As cidades monumentais, como Toledo, Segóvia, Ávila, Cuenca, Sória ou Burgos, são uma constante na pintura de Sorolla, de Aureliano de Beruete, de Ignacio Zuloaga ou dos irmãos Zubiaurre. Todos eles expressam, nos seus diferentes estilos, um sentimento singular perante estes históricos e imponentes conjuntos urbanos.

Trata-se de um gosto fomentado por uma nova fonte de documentação visual, disponível a partir da publicação da série de gravuras *Monumentos de España*, editada de 1856 a 1881. Mas ele provém, sobretudo, de um novo sentimento nacionalista de exaltação de um passado glorioso, partilhado por muitas cidades históricas europeias, que se mistura, em algumas de elas, com a tomada de consciência da sua decadência ou abandono.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)

A Catedral de Burgos, 1910, óleo sobre tela, 82 x 104 cm

Madrid, Museo Sorolla, inv. 876



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)
Vista de Toledo, 1912, óleo sobre tela, 50 x 65 cm
 Madrid, Museo Sorolla, inv. 994

TOLEDO

De entre todas as *ciudades mortas* da planície castelhana, os seguidores da *Institución Libre* destacam Toledo, a cidade tolerante das três culturas, cristã, árabe e judaica, a cidade imperial e lar de El Greco, então redescoberto. Toledo torna-se num dos estereótipos da paisagem cultural mais representativo do gosto moderno.

Sorolla pinta-a inúmeras vezes, sempre com base na sua particular sensibilidade. Uma vez, centrando-se na expressividade do céu nublado e cambiante, colocando ao fundo o casco da cidade; noutras, trazendo para o primeiro plano a natureza mineral da garganta do Tejo, cuja singularidade fascinara geólogos e geógrafos

A «ESPANHA BRANCA» DE JOAQUÍN SOROLLA. UMA VERSÃO MODERNA DA INVENÇÃO ROMÂNTICA

Em 1902, Sorolla visita pela primeira vez a Andaluzia, onde acabaria por regressar em várias ocasiões. Em 1908, e de novo em 1910, pinta os jardins do Alcázar de Sevilha, escapando à tradicional imagem turística.

Em 1914, procurando cenários para os murais da Hispanic Society de Nova Iorque, escolhe nos arredores de Sevilha uma paisagem insólita de terra seca onde só crescem as figueiras da Índia. Em Jerez de la Frontera, pinta os vinhedos ao sol e figuras fundindo-se com a paisagem, num estilo com tendências impressionistas e pós-impressionistas, que sem dúvida conheceu e assumiu.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)
A Vindima, Jerez, 1914, óleo sobre tela, 54 x 93 cm
 Madrid, Museo Sorolla, inv. 1080



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)

Casa de Gitanos, Sacromonte, Granada, 1910, óleo sobre tela, 82 × 106 cm
Madrid, Museo Sorolla, inv. 866

GRANADA

Desde a sua primeira visita, em 1902, Sorolla fica impressionado com Granada e, sobretudo, com a imponência da Serra Nevada. Aos seus bairros, à sua serra e à Alhambra dedica cerca de 47 paisagens feitas durante três viagens, 1909, 1910 e 1917, sempre no final do outono ou em pleno inverno.

Sorolla procurou aquela «autenticidade» que se havia perdido com as fantasias românticas e plasma-a nas paisagens urbanas que faz de Granada. As suas vistas da Alhambra, sempre desabitada, são paisagens de silêncio, das quais desapareceram os habitantes que as haviam povoado nas ilustrações de Gustave Doré (França, 1832-1883) ou nas pinturas de Mariano Fortuny (Reus, 1838-Roma, 1874) e de muitos outros artistas.

MAR DE LUZ

Ainda que esta exposição seja dedicada às paisagens do interior de Espanha, tratando-se de Sorolla é inevitável a referência às suas paisagens da costa, aos mares e praias que se converteram na sua «marca» e lhe deram enorme fama. No dilatado cenário do mar, a luz magnifica-se. Sorolla observa-a com aguda percepção e apaixonada intensidade, registando os seus reflexos, os matizes e as alterações de cor segundo as horas do dia, sem recuar sequer defronte da cegante luminosidade do meio-dia no Levante espanhol. Ao contrário de outras, as suas paisagens de mar estão sempre habitadas, percorridas por um bulício humano que desfruta das dádivas da natureza, do sol e da água com uma alegria totalmente alheia às preocupações do seu tempo. Esta visão otimista e luminosa valeu a Sorolla uma extraordinária popularidade.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)

Meninas no Mar, 1909, óleo sobre tela, 150 × 150 cm
Madrid, Museo Sorolla, inv. 837

ETNOGRAFIA DA ESPANHA RURAL, PINTURA E NACIONALISMO

Em 1912, o filantropo norte-americano Archer M. Huntington, fundador da Hispanic Society of America (Nova Iorque), encomenda a Sorolla um conjunto de enormes telas para decorar a biblioteca desta instituição. Sorolla sugeriu-lhe retratar do natural as distintas regiões de Espanha, as suas paisagens, procurando as mais genuínas personagens e costumes de cada lugar. Movido por uma grande ambição, Sorolla iniciou este gigantesco programa fazendo «estudos» ou «esboços» no tamanho natural, mas depressa renunciou a esse procedimento, que literalmente duplicava o seu trabalho, e passou a fazer os seus ensaios a guache e num formato menor.

As obras aqui expostas pertencem à primeira fase: as pessoas que vemos, posando em atitudes tranquilas, transformam-se, na versão final, em conjuntos de figuras dinâmicas que se movem nas suas fainas ou nos seus arraiais e bailes, em composições multitudinárias dirigidas com o brio e a destreza de um grande realizador de cinema.



Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923)

Tipos Segovianos, 1912, óleo sobre tela, 198 x 203 cm

Madrid, Museo Sorolla, inv. 960

FICHA TÉCNICA

A exposição foi organizada mediante um convénio estabelecido entre a Direção-Geral do Património Cultural, o Ministério de Cultura y Deporte, de Espanha, e La Fundación Museo Sorolla. É composta por 119 obras de pintura: 116 pertencentes à coleção do Museo Sorolla e Fundación Museo Sorolla e três provenientes de coleções particulares.

Comissária:

Carmen Pena

Coordenação:

José Alberto Seabra Carvalho (Museu Nacional de Arte Antiga)
Consuelo Luca de Tena (Museo Sorolla)

horário

Terça-feira a domingo,
10h00-18h00
(encerra a 25 dezembro
e 1 janeiro)

preçário

Normal

Exposição: € 6,00
Exposição + Museu: € 10,00

Entrada gratuita para os Clientes BPI/La Caixa mediante a apresentação de Cartão de Crédito ou Cartão de Débito BPI, na bilheteira do MNAA (cada cartão dá acesso a uma entrada para o seu titular)

Criança (até aos 12 anos inclusive) + ICOM + AICA + imprensa + professores e guias intérpretes em formação ou exercício de funções

Exposição: Gratuito
Exposição + Museu: Gratuito

Lusitânia Seguros
(colaboradores)

Exposição: Gratuito
Exposição + Museu: Gratuito

Jovem (13 a 18 anos)

Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 9,00

Sénior (+ de 65 anos)

Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 6,00

Escolas/por aluno
(com marcação prévia)

Exposição: € 2,50
Exposição + Museu: € 2,50

Universidades/por aluno
(com marcação prévia)

Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 3,00

DGPC + GAMNAA

Exposição: € 3,00
Exposição + Museu: € 3,00

Agências e operadores
turísticos

Exposição: desconto
de 10% por grupos
de 20 bilhetes

visitas orientadas

Público em geral

A partir de 12 de dezembro
Quarta-feira, sábado, domingo, 15h30
(exceto 30 e 31 de março)
Inscrições individuais, limitadas,
por ordem de chegada,
até 30 minutos antes, por telefone
ou presencialmente: 213 912 800
/ bilheteira da exposição
(Rua das Janelas Verdes).
€ 3,00 por pessoa

O bilhete da visita orientada não
dispensa a aquisição do bilhete de
entrada para a exposição temporária

Grupos

Terça-feira a domingo
Marcação prévia obrigatória:
213 912 800 / se@mnaa.dgpc.pt
(nos dias 30 e 31 de março não serão
autorizadas visitas guiadas)

Grupos (com orientação do MNAA)

Terça-feira a domingo
Marcação prévia obrigatória:
213 912 800 / se@mnaa.dgpc.pt
Até 20 participantes: € 60,00;
gratuito para escolas do Ensino Básico
e Secundário

DOWNLOAD FOTOGRAFIAS:

<https://drive.google.com/open?id=1QF0eBVFqO-bnpghBq-znb1sjbEeFBV28>

Museo Sorolla

Clotilde García del Castillo, viúva do pintor Joaquín Sorolla, deixou em testamento ao Estado espanhol, em 1925, a sua casa e coleções, para que fosse criado um museu em memória do marido. O legado foi aceite em 1931 e o Museu inaugurado um ano depois. A missão do museu ficou definida no próprio testamento da viúva de Sorolla: conservar e expor ao público as obras autênticas de Joaquín Sorolla e todos os quadros, objetos artísticos, móveis etc., existentes no nº 37 do Paseo del General Martínez Campos (habitação do casal em Madrid), e todas as obras que venham a ser adquiridas no futuro.

Conservar o legado de Joaquín Sorolla, documentar e catalogar as suas coleções, investigar e promover a investigação sobre a sua obra, expô-la da melhor forma para poder ser contemplada e interpretada, difundir o legado de Sorolla e torná-lo acessível a todos os públicos e incrementar as coleções de pintura para completar a representação de todas as fases da sua produção são, hoje, os objectivos do Museo Sorolla. www.culturaydeporte.gob.es/msorolla

Museu Nacional de Arte Antiga

Criado em 1884, o MNAA-Museu Nacional de Arte Antiga alberga a mais relevante coleção pública do País. Pintura, escultura, artes decorativas – portuguesas, europeias e da Expansão –, desde a Idade Média até ao século XIX, incluindo o maior número de obras classificadas como «tesouros nacionais».

No acervo do MNAA, destacam-se os *Painéis de São Vicente*, de Nuno Gonçalves, obra-prima da pintura europeia do século XV, a *Custódia de Belém*, de Gil Vicente, mandada lavar por D. Manuel I e datada de 1506, os *Biombos Namban*, final do século XVI, registando a presença dos portugueses no Japão, *Tentações de Santo Antão*, de Bosch, exemplo máximo da pintura flamenga do início do século XVI, *São Jerónimo*, de Dürer, inovadora representação do santo, e importantes obras de Memling, Rafael, Cranach ou Piero della Francesca. www.museudearteantiga.pt

Fundação Bancária “la Caixa” e BPI

As duas entidades estabeleceram um acordo de colaboração para o desenvolvimento de projetos de carácter social e cultural em Portugal após o CaixaBank se tornar acionista maioritário do BPI. Fruto desta colaboração, Portugal converte-se no epicentro do compromisso internacional da Fundação Bancária “la Caixa” que prevê alcançar um orçamento anual de 50 milhões de euros destinados à ação social em Portugal. A Fundação implementará inicialmente os seus programas estratégicos de integração laboral, atenção aos idosos e de assistência às pessoas com doenças em estado avançado. Também se levarão a cabo outros projetos, tais como a criação de polos de desenvolvimento económico, assim como alianças com museus e entidades culturais de Portugal. A Fundação Bancária “la Caixa” representa hoje um modelo único de compromisso social. Criado há mais de 110 anos, quando se fundou em 1904 em Barcelona a Caja de Pensiones para la Vejez y de Ahorros, “la Caixa”. Desde o seu início, a entidade singularizou-se por uma clara finalidade social dirigida a evitar a exclusão financeira e a fomentar o desenvolvimento socioeconómico do território. O seu Plano Estratégico contempla um investimento de mais de 2.000 milhões de euros entre 2016 e 2019. A Fundação Bancária “la Caixa” é atualmente a primeira fundação de Espanha e uma das mais importantes do mundo: a terceira em volume de ativos e a sexta em orçamento executado. As atividades de divulgação cultural são uma das grandes prioridades da Fundação Bancária “la Caixa”. Para isso, conta com alianças estratégicas, como as formalizadas com o Museu Britânico, o Museu do Louvre ou o Museu do Prado e com instituições portuguesas de referência, tais como a Fundação de Serralves ou a Fundação Calouste Gulbenkian. <https://obrasociallacaixa.org> www.bancobpi.pt